

Aço: consumo nos níveis pré-crise em 2010

São Paulo — O consumo aparente de aço no Brasil deve voltar aos níveis de 2008 somente a partir de 2010, prevê o Instituto Aço Brasil (IABr), nova denominação do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). No ano passado, foram consumidas 24 milhões de toneladas, e a previsão para o ano atual é de 18,7 milhões de toneladas, queda de 22,2%.

Segundo o presidente da entidade, Flávio Roberto Silva de Azevedo, o desempenho do setor deve ser beneficiado pela recuperação gradual da economia e pelos estímulos que estão sendo feitos pelo governo nos setores de bens de capital, construção e linha branca.

Azevedo afirmou que, no ano passado, o setor comemorou a marca de 124 quilos de consumo *per capita* no Brasil, superando a média histórica de 100 quilos. No entanto, o volume deve cair novamente para 100 quilos neste ano devido à crise mundial.

Ele ressaltou que existem riscos de que a atual recuperação do mercado esteja sendo causada pela recomposição dos estoques, sem uma retomada firme da demanda. "Precisamos verificar se o crescimento dos últimos três meses é sustentável. É um momento de atenção e cautela", disse.

O instituto reiterou a previsão de que as vendas internas cairão 23,7% para 16,6 milhões de toneladas em 2009. A produção deve cair 19%, para 27,2 milhões de toneladas. Apesar da previsão de queda, o setor começa a ver "uma luz no fim do túnel" e espera que o segundo semestre seja mais promissor do que foi o primeiro.

Ontem, a entidade apresentou seu novo nome e logomarca. Azevedo explicou que a mudança ocorreu porque a "sociedade não identificava a palavra siderurgia com a produção de aço". Segundo ele, "existe uma percepção errônea de que siderurgia inclui fundições,

guseiros e distribuição". Desde que foi fundada, há 47 anos, a instituição era conhecida como IBS.

Depois de operar com apenas 50% da sua capacidade produtiva no início do ano, o setor siderúrgico nacional trabalha atualmente com 60% a 70% da sua capacidade, segundo o IABr.

O ritmo ainda é inferior aos 90% a 95% registrados no ano passado, mas sinalizam uma recuperação. Azevedo afirmou que apenas dois altos-fornos estão paralisados no momento, enquanto no início do ano, seis dos 14 altos fornos existentes no país estavam paralisados.

Entre janeiro e julho, a indústria do aço apresentou uma queda de 36,9% na produção em comparação com o mesmo período do ano passado, para 13 milhões de toneladas de aço bruto. As vendas internas recuaram 38,7%, para 8,3 milhões de toneladas, enquanto o consumo aparente caiu 35,3% no período e somou 9,5 milhões de toneladas.

O executivo afirmou que as empresas tiveram de fazer ajustes "dramáticos" na produção, que incluíram reduções de jornada de trabalho, antecipação de manutenção de fornos e férias coletivas.

A visão atual da entidade é de um "otimismo moderado", segundo Azevedo. Ele afirmou que o setor está preocupado com a valorização do real, que tira a competitividade do aço brasileiro no exterior, principalmente no atual cenário de demanda fraca no mercado externo.

A indústria siderúrgica exporta cerca de 40% da sua produção. De acordo com o executivo, o mercado norte-americano tem apresentado sinais de melhora, mas a Europa está mais lenta neste processo. Questionado sobre a possibilidade de altas de preço no mercado interno, Azevedo não quis comentar e afirmou que esta decisão cabe às empresas. (AE)